



Construindo Conhecimento

Boletim da Articulação Nacional de Agroecologia - Região Amazônica - número 2 - ano 2 - outubro de 2006 - Produzido pela Rede de Informações Agroecológicas da Amazônia - RIAA

Manejo agroecológico do solo

Manejo agroecológico do solo é o tema desta edição do boletim Construindo Conhecimento, na qual você irá conhecer as experiências da família de Sr. Darci e Sra. Neuza no manejo do solo sem uso de fogo, no Acre, e a do Sr. Nério Gomes, de Mato Grosso, na produção de hortas agroecológicas com cobertura vegetal.

Divulgue sua experiência em agroecologia neste boletim! Entre em contato com a RIAA pelo telefone (91)3231-8413, e-mail riaa@riaa.org.br ou pelo endereço Av. Tavares Bastos, 933/201- Cj. Colúmbia - Bl. F Marambaia - Belém - Pará - CEP 66615-000.

Boa Leitura!

Produzindo sem o uso do fogo: uma experiência do Proambiente Pólo Alto Acre

A experiência aqui apresentada fala sobre como produzir sem o uso do fogo. Ela acontece na propriedade da família do Sr. Darci e da Sra. Neuza, que moram desde 1988 em uma área de assentamento de reforma agrária, localizada no município de Brasília, no Acre. Eles participam do Programa de Desenvolvimento Socioambiental da Produção Familiar Rural (PROAMBIENTE) Pólo Alto Acre, e fazem parte do grupo comunitário denominado Aliança do Picadão, que é composto por 25 famílias de pequenos/as produtores/as rurais.

No início a família plantava arroz, feijão, milho e mandioca. Em 1990 iniciou a formação de pastagem, mas o baixo preço e a dificuldade com o escoamento da produção fizeram com que comessem uma transição para a agroecologia, melhorando a alimentação do gado (através do manejo de pastagem) e diversificando a produção (implantando sistemas agroflorestais).

Sr. Darci e Sra. Neuza antes de irem para o Acre trabalhavam no Paraná, com uns japoneses, que plantavam frutas e verduras e conseguiam uma renda superior a de outras pessoas que trabalhavam com monocultivo. Daí a família teve a idéia, em 1992, de iniciar o plantio de espécies de frutíferas como cupuaçu, graviola, açaí, banana, pupunha e outras da região Amazônica. A partir de 1995 iniciou-se a produção e venda destas frutas.



Feijão de Porco, utilizado para recuperação do solo na propriedade

Atualmente a família trabalha com o manejo da terra sem o uso do fogo e sem veneno, utilizando a puerária, o feijão-de-porco, a mucuna e outras leguminosas que reforçam a terra. Essa idéia surgiu a partir de um intercâmbio em uma propriedade que trabalhava com leguminosas, em outro município.

Sr. Darci e Sra. Neuza receberam algumas sementes nesse intercâmbio, então aproveitaram uma área de meio hectare (5.000 m²) que não produzia mais e fizeram o plantio das leguminosas. Depois de oito meses, em março, fizeram a roçagem dessa área e, em abril, o plantio do feijão. Após a colheita a terra ficou em descanso e, em novembro, plantaram mandioca e milho. A produção de todos esses plantios foi o dobro do que se tinha o costume de colher em área de derruba e queima.



Plantio de Sistema Agroflorestal sem uso de fogo

Hoje a família tem dois hectares onde fazem o rodízio. Utilizam um hectare por ano, enquanto o outro hectare fica em descanso. E assim já estão há três anos produzindo sem o uso do fogo.

Os motivos que os levaram a mudar o jeito de produzir para uma alternativa sem o uso do fogo, foi o fato de que a propriedade já estava no limite dos 20% permitidos para o desmatamento, além do alto custo da mão-de-obra, dos riscos das derrubadas e queimadas, e da diminuição da produtividade.

A família percebeu que são muitos os benefícios gerados pela prática do uso de leguminosa sem o uso do fogo, pois não é mais preciso desmatar, queimar e não secam as vertentes, e economicamente não necessita de muitos recursos e mão-de-obra. Ainda por cima, aumenta a qualidade e quantidade do produto em uma área de manejo, além de se ter uma grande variedade de produtos em uma mesma área (feijão, arroz, milho, mandioca, banana, café, cupuaçu, graviola, cedro, mogno, paricá e outras).

"Agora nós temos uma renda maior. Por ano, só com a polpa do cupuaçu, tiramos R\$ 2.500,00, não contando com os outros produtos do Sistema Agroflorestal. Temos tudo perto de casa e sem precisar desmatar, queimar e com isso é menos trabalho pra família", contam Sr. Darci e Sra. Neuza.

Cobertura Vegetal - uma alternativa que produz vida

A produção de hortaliças geralmente é feita com adição de muita mão-de-obra e energia externa, principalmente para irrigação. Normalmente não se pensa em uma horta sem a idéia da necessidade de um permanente acompanhamento. Isso porque muitas vezes surgem problemas comuns nas hortas da região, como a degradação das terras (pelo excessivo uso de água das irrigações), aparecimento de erosão, o esgotamento dos nutrientes e da vida do solo, e a contaminação por agrotóxicos de córregos e leitos de água próximos dos cultivos.

Na tentativa de reduzir esses impactos negativos, principalmente dos solos das hortas, as famílias do sudoeste de Mato Grosso vêm adotando práticas simples e muito eficientes na manutenção do solo vivo e produtivo.

Vamos apresentar o caso da horta do grupo de produtores Vida Nova, aqui representado pelo Sr. Nério Gomes, do Assentamento Roseli Nunes, localizado no município de Mirassol D'Oeste, em Mato Grosso, que vai nos contar sua experiência com manejo de hortaliças agroecológicas.

Ele participa da Associação Regional de Produtores Agroecológicos (ARPA), que envolve 66 famílias do sudoeste do Estado. Seis grupos de produção de hortaliças no assentamento são acompanhados pela ARPA.

A horta ocupa uma área de aproximadamente 1 hectare, e nela trabalham sete famílias cultivando 12 tipos de hortaliças. Como a terra onde foi implantada a horta é muito arenosa, os problemas com erosão, perda de fertilidade, perda de água e enfraquecimento de todo sistema sempre foi muito bem observado pelas famílias. Sr. Nério conta que a terra perde a umidade muito rapidamente, e que parte da água sempre escorria por cima dos canteiros, levando a riqueza da terra. Pouco tempo após a irrigação a terra já ficava seca novamente.

O caminho seria então proteger a terra, não expô-la diretamente ao sol, evitando o ressecamento ao utilizar algum tipo de cobertura que fosse capaz de reter mais umidade nos canteiros, mantendo também a própria terra e sua riqueza. No início utilizaram feijão de porco nas entrelinhas dos cultivos de plantas como o jiló, a berinjela, o pimentão e o quiabo. Essa medida aumentou a cobertura da terra e facilitou na limpeza da área.

Para os canteiros foram utilizados restos de palhadas de qualquer material vegetal para cobrir e proteger a terra. Iniciaram a cobertura com restos de palhada de arroz, de folha de babaçu, de capins e dos restos de cultura provenientes da limpeza dos canteiros e das imediações, e o próprio consorciamento das plantas do canteiro, não deixando nunca solo descoberto.

Com o melhor aproveitamento da área a partir da utilização de cobertura viva e com a cobertura do solo com material vegetal picado, o grupo percebeu que a terra permanecia úmida por mais tempo, pois diminui o escoamento da água pela superfície da terra. Mesmo depois de dois dias sem irrigação, ela ainda permanecia molhada, e com isso estava propiciando uma melhor vida para as plantas e também economia da água.

Sr. Nério também explica que o possível aumento de mão-de-obra na colocação da cobertura vegetal é compensado na redução do tempo de irrigação e da limpeza de toda área, visto que diminui a necessidade de irrigações e a incidência de plantas não desejadas.

A experiência do Sr. Nério demonstra que com uma medida simples, pode-se melhorar o equilíbrio do sistema de produção de hortaliças, melhorar a saúde e a resistência das plantas e preservar a água, um recurso natural importante para sobrevivência de nosso planeta.

Compare estes dois pés de quiabo, plantados no mesmo dia. Na primeira foto, vemos como a planta sem a cobertura do solo ficou mais amarelada e enfraquecida. Com a cobertura do solo (feita com a palhada do arroz que estava plantado antes da horta) a planta ficou mais viçosa.



Plantação de quiabo sem cobertura de solo



Plantação de quiabo com cobertura vegetal

Para saber mais sobre esta experiência, entre em contato com o Sr. Nério, através da FASE-MT (Endereço: Rua 6, Qd. 3, C. 18- Monte Verde - Cáceres - MT - 78200-000 - Tel. (65)3223-4615 - E-mail: fasecac@terra.com.br). Experiência relatada por James Frank- Técnico da FASE Mato Grosso - E-mail: jamesfrank@terra.com.br - Tel (65) 3223-7130. Fotos: FASE MT